

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ – UESPI  
CAMPUS PROFESSOR ALEXANDRE ALVES DE OLIVEIRA  
CURSO DE LICENCIATURA PLENA DE PEDAGOGIA

MARIA DA CONCEIÇÃO PINTO DINIZ

**A MOTIVAÇÃO NO CONTEXTO ESCOLAR:**  
**estratégias de estímulo no processo de ensino-aprendizagem**

Biblioteca UESPI - PHB  
Registro Nº 231  
CDD 371.3  
CUTTER D585m  
V \_\_\_\_\_ EX. 01  
Data 14 / 10 / 10  
Visto. Apurada

MARIA DA CONCEIÇÃO PINTO DINIZ

**A MOTIVAÇÃO NO CONTEXTO ESCOLAR:  
estratégias de estímulo no processo de ensino-aprendizagem**

Monografia apresentada à Universidade estadual do Piauí como pré-requisito para obtenção do Título de Licenciatura Plena em Pedagogia, sob a orientação da professora Solange Aparecida de Campos Costa.

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELO BIBLIOTECÁRIO  
HERNANDES ANDRADE SILVA CRB-3/936

D585mDiniz, Maria da Conceição Pinto

A Motivação no contexto escolar: estratégias de estímulo no processo de ensino-aprendizagem / Maria da Conceição Pinto Diniz. – Parnaíba, 2010.

57 f.

Monografia apresentada como pré-requisito para obtenção do título de Licenciatura Plena em Pedagogia, Universidade Estadual do Piauí, Parnaíba, 2010.

Orientadora: Prof. Msc. Solange Aparecida de Campos Costa

1. Ensino – Métodos. 2.Motivação (Educação). 3. Aprendizagem – Educação. I. Título.

CDD – 371.3<sup>1</sup>

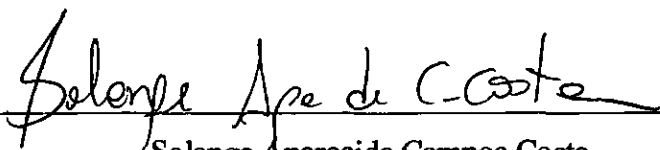
MARIA DA CONCEIÇÃO PINTO DINIZ

**A MOTIVAÇÃO NO CONTEXTO ESCOLAR:  
estratégias de estímulo no processo de ensino-aprendizagem**

Monografia apresentada ao curso de pedagogia da Universidade Estadual do Piauí, como pré-requisito para obtenção do título de Licenciado em Pedagogia.

APROVADA EM \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

BANCA EXAMINADORA:

  
\_\_\_\_\_  
Solange Aparecida Campos Costa

Orientador (a)

---

Ticiane de Araújo Costa Silva

Examinador (a) Externo

  
\_\_\_\_\_  
Maria dos Navegantes Veras da Cunha

Maria dos Navegantes Veras da Cunha

Examinador (a) Interno

Dedico à minha família, pela força durante esta trajetória e a todos os amigos que de uma forma ou de outra, fizeram parte dela.

À Deus, que está presente em cada momento  
dã minha vida.

Aos meus familiares, a eterna gratidão por  
terem me apoiado. E aos meus amigos e  
companheiros que juntos enfrentamos mais  
esta etapa em busca do conhecimento.

"Para que os alunos aprendam, o professor deve ser capaz de colocar-se no lugar deles e compreender as suas motivações e preocupações."

Antônio Carlos Costa

## RESUMO

O ser humano desde o nascimento é guiado por reflexos, mais tarde por objetivos, que por sua vez, são guiados pela tentativa de suprir seus desejos e necessidades. Dessa forma, a motivação é a força que guia o indivíduo a suprir seus desejos na busca da satisfação pessoal. Percebe-se que a motivação é algo fundamental para a vida do ser humano, mesmo que cada indivíduo aja de modo diferente diante de fatos e situações. Assim, o objetivo deste trabalho é mostrar que a motivação pode interferir tanto na ação pedagógica como na aprendizagem. Portanto, os estímulos são necessários na condição de aprendizagem desde que sejam produzidos de maneira a adequar-se a situações reais do cotidiano do indivíduo. Assim sendo, este trabalho visa entender, através de conceitos e teorias motivacionais, que a função da ação pedagógica é primordial para detectar, bem como agir na tentativa de transformar o comportamento através de situações estratégicas de ensino-aprendizagem. Como forma de obter pressupostos relevantes que de alguma forma pudessem além de colaborar, possibilitar uma reflexão sobre a prática pedagógica respaldada em situações do próprio contexto escolar, fez-se necessária a pesquisa de campo, a qual subdividiu-se em observação e questionários, o que veio enriquecer valorosamente esta ação investigatória.

**PALAVRAS -CHAVE:** Motivação. Estratégias. Aprendizagem



## **ABSTRACT**

The human beings are guided for reflections since their births, after for goals and so they are guided for the attempt of to supply their needs and wants. Therefore, the motivation is the strength which guides the man to supply their desires and to reach the personal satisfaction. We can perceive that the motivation is something very fundamental to the human being's life, even each one act in a different way in the face of facts and situations. Thus, the purpose of this work is to show that motivation can interfere as in the pedagogical action as in the learning. Therefore, the stimulus is needed in the condition of learning if they have been produced to adapt the real situations of individual's life. Thus, this work aims to understand, using concepts and motivational theories, that the function of the pedagogical action is essential to detect and act in an attempt to change the behavior through strategic situations of teaching and learning. In order to obtain relevant assumptions that somehow they could also collaborate, facilitate a reflection on teaching practice supported in situations of their own school context, it was necessary a field research, which was divided into observation and questionnaires that were valiant to this investigatory action.

**KEY-WORDS:** Motivation. Strategies. Learning

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Perfil dos colaboradores da pesquisa .....	15
Quadro 2 – Relação de salas observadas .....	16

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	10
CAPITULO I PERCORRENDO O CAMPO INVESTIGATÓRIO PARA O ESTUDO DA MOTIVAÇÃO NO AMBIENTE ESCOLAR .....	14
1.1 A Pesquisa Qualitativa .....	14
1.2 Colaboradores da Pesquisa .....	15
1.3 Contexto Empírico .....	16
1.4 Observação .....	17
1.5 Questionário .....	18
1.6 Pressupostos de Análise .....	18
CAPITULO II O PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM E SUAS VERTENTES NO CONTEXTO ESCOLAR: ESTRATÉGIAS MOTIVACIONAIS .....	19
2.1 Ensino-Aprendizagem na Escola .....	19
2.2 Estratégias e Ensino-Aprendizagem .....	22
2.3 Motivação .....	27
2.3.1 Motivação Intrínseca e Extrínseca .....	29
2.4 A Motivação do Aluno .....	32
2.5 O Professor e o Processo de Ensino .....	34
2.6 Fatores Significativos: Dimensões de Causalidade .....	36
2.6.1 Baixa-Estima .....	37
2.6.2 A Família .....	39
2.6.3 A Avaliação .....	40
2.6.4 O Fracasso Escolar .....	41
CAPITULO III O CAMPO INVESTIGATÓRIO: ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS .....	44
3.1 Estratégias Motivacionais no Contexto Escolar .....	45
3.2 Frequência de utilização de estratégias motivacionais .....	46
3.3 Reflexão Sobre a Prática do Professor .....	47
CONCLUSÃO .....	49
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	51
APÊNDICE .....	53

## INTRODUÇÃO

O presente tema aborda o papel da escola e mais especificamente do professor como provedor de estímulos motivacionais. Porém, não se têm dado a devida importância no que diz respeito a sua ação transformadora.

Sendo a prática pedagógica uma atividade que busca formar indivíduos autônomos que possam estar aptos para exercer seu papel na sociedade, cabe ao professor desenvolver no aluno suas múltiplas competências. Então, levando em consideração esse aspecto e por tentar de alguma forma colaborar para o desenvolvimento educacional no sentido de obter pressupostos relevantes para classe docente, fez-se necessário o aprofundamento nesta pesquisa.

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) “A disposição para a aprendizagem não depende exclusivamente do aluno, demanda que a prática didática garanta condições para que essa atitude favorável se manifeste e prevaleça” (PCN’s, 1997, p. 65). A ação pedagógica baseada numa didática motivacional além de ser necessária seria fundamental para manter a própria motivação do aluno em aprender.

Segundo Rossini (2008), a motivação real da criança irá depender da satisfação de seus próprios motivos, que são internos. Mas, não se pode esquecer também a motivação externa, onde a personalidade do professor, fatos da atualidade, a influência do meio social e cultural, os próprios recursos físicos e materiais exercem influência sobre a formação da criança.

É possível afirmar, portanto, segundo Rossini que as características do educador devam ser especiais; a personalidade do professor é primordial para o aluno no sentido de estabelecer certa cumplicidade e desenvolver a confiança entre ambos.

Por conseguinte, antes de qualquer coisa, os educadores devem estar atentos também para os motivos externos do aluno e estimular a ação por meio de incentivos, de estratégias centradas na motivação do próprio aluno e não nos deles. Porém, não esquecer que o que realmente é fundamental não é o que ele ensina, mas o que ele é como pessoa e profissional.

Neste aspecto, a motivação poderia ser uma forma de criar no ambiente escolar o interesse para aprendizagem. No entanto, motivar não é algo simples, pois depende de um contexto, nesse caso, o presente resultado da investigação sobre a prática dos professores do 1º ao 5º do Ensino Fundamental, do turno matutino da Unidade Escolar Deputado Pinheiro Machado; iniciou-se com a observação e teve como meta verificar as estratégias motiva-

cionais utilizadas pelos professores no processo de ensino-aprendizagem.

Segundo Pittenger e Gooding (1997), a motivação é a vontade de suprir necessidades que venham a satisfazer o indivíduo por completo, ou seja, a força propulsora (desejo) por trás de tantas ações do ser humano. O que se percebe hoje nas escolas brasileiras é o questionamento de pais e professores a respeito dos motivos e conseqüências do desinteresse dos alunos, o que vem acarretando problemas nas séries posteriores às séries iniciais do Ensino Fundamental.

Esses fatores são preocupantes principalmente porque a função mais importante da escola é promover condições para o desejo de aprender. No entanto, vários fatores estão simultaneamente envolvidos quando se trata de ambiente escolar, e estes problemas necessitam de um envolvimento coletivo para se chegar a uma solução.

Entretanto este problema educacional não é um fato isolado, sendo que tanto para se aprender quanto para se ensinar, é primordial o interesse de ambas as partes. Todos fazem parte desse processo de ensino-aprendizagem, professor e aluno devem buscar juntos alternativas de desenvolvimento, no sentido de crescer dentro de suas possibilidades.

Dessa forma, e no intuito de fundamentar o trabalho destacamos os teóricos Boruchovitch e Bzuneck *et al* (2001/2010), Coll e Marchesi *et al* (2004), Rossini (2008), Antunes (2008/2009) entre outros. Porém, para que a escola seja forte e transformadora, para que se torne um lugar onde a busca do conhecimento seja prazerosa, é necessário compreender e investigar o que é motivação e como o professor pode utilizá-la em sala de aula.

Portanto quais as principais estratégias utilizadas pelo professor como estímulo no processo de ensino-aprendizagem?

Diante da problemática fez-se necessários estabelecer os objetivos da pesquisa, os quais são fundamentais para se atingir uma meta, e assim chegar aos resultados. Os objetivos são os norteadores do trabalho, e com base neles que foram preparados os questionários e se prosseguiu observação e aplicação dos mesmos na Unidade Escolar Deputado Pinheiro machado.

O objetivo geral foi Investigar quais as principais estratégias utilizadas pelo professor como estímulo no processo de ensino-aprendizagem, os objetivos específicos foram conhecer os principais recursos de estímulo do processo de ensino-aprendizagem apontados pela literatura; Identificar os principais recursos utilizados pelo professor como meio de estímulo no processo de ensino-aprendizagem e analisar a prática do professor ao utilizar os recursos de estímulo para a aprendizagem.

Diante das observações realizadas nas instituições de ensino básico no decorrer do

curso e como requisito de algumas disciplinas notou-se a desmotivação dos alunos durante as atividades desenvolvidas em sala de aula e na própria vontade de aprender. Surgindo assim a preocupação sobre o que realmente estava ocasionando essa situação. Seria algo particular de cada aluno ou a falta de estratégias na prática dos professores ao ensinar?

✦ Com isso surgiu a necessidade de um aprofundamento investigatório sobre as principais estratégias utilizadas no contexto escolar no que se refere aos aspectos relacionados ao que motiva os alunos à aprender. Além disso, percebeu-se também a freqüente queixa dos professores sobre a desmotivação costumeira dos alunos na sala de aula.

Esta preocupação é de grande relevância, pois há um compromisso do educador na formação dos futuros cidadãos. A compreensão do papel do professor em relação à motivação dos alunos tem trazido mal-entendidos no meio educacional; de um lado aqueles profissionais que se acomodam diante da desmotivação dos alunos em aprender, pois vêem o aluno como o total responsável por sua aprendizagem, no entanto existem aqueles professores comprometidos que estão esforçados em transformar uma situação.

Segundo Bzuneck (2001), essa divergência é no mínimo intrigante, pois vemos situações em que o professor é peça fundamental na busca motivacional de sua sala de aula.

Pode-se constatar através de reportagens que em alguns casos de ambientes totalmente desfavoráveis, de situações precárias e adversas, o professor tem conseguido resultados extraordinários. No entanto em condições favoráveis muitas vezes não se atinge o resultado que se espera.

Porém “[...] em qualquer situação; a motivação do aluno esbarra na motivação de seus Professores” (BZUNECK, 2001, p. 28). Nesse aspecto seria possível o professor dispor de estratégias que venham a possibilitar a motivação dos seus alunos, que os despertem a estarem motivados a aprender. O professor precisa conhecer seus alunos, pois só assim poderá favorecer essa evolução com atividades que oportunizem a motivação.

Nessas condições, o compromisso com a dimensão ética profissional faz necessário pesquisar que estratégias o professor tem usado como forma de melhorar as condições de ensino-aprendizagem na sala de aula.

Com base nos pressupostos da pesquisa realizada e dos dados obtidos espera-se também colaborar com os professores e a instituição de ensino no sentido de colher dados significantes para o auxílio da prática pedagógica.

Segundo Chizzotti (2003), a pesquisa investiga o homem e o mundo em que vive. E para se conseguir essas informações o pesquisador recorre à observação e a reflexão dos fatos como forma de intervir no seu mundo e assim adequá-lo a sua vida.

A pesquisa tem uma história multissecular, tendo um desenvolvimento particular

no século XIX e XX. No Brasil, a educação tornou-se objeto da investigação científica em meados da primeira metade deste século, o que favoreceu a educação em vários aspectos. Dessa forma, no intento de adquirirmos dados relevantes e o esperado da pesquisa usamos alguns meios. A pesquisa foi realizada através de fontes bibliográficas e de campo. Além disso, como forma de manter uma conduta participante a fim de alcançar uma compreensão global dos fenômenos diários do cotidiano a pesquisa foi de natureza qualitativa.

O instrumento de coleta de dados partiu de observações como forma de manter um contato direto com o fenômeno pesquisado no seu contexto natural. Portanto, para uma melhor obtenção de dados optou-se por aplicação de questionários para os professores selecionados com perguntas abertas devido à necessidade de obter dados mais relevantes e de caráter explicativos e argumentativos.

Para a coleta de dados utilizamos os seguintes instrumentos: observação (cujo roteiro apresentado no Apêndice B) e o questionário (Apêndice C), que serão apresentados com maior clareza posteriormente.

A respeito de organização da monografia, está estruturada em três capítulos, a saber:

O primeiro capítulo aborda a metodologia da pesquisa, esclarecendo a pesquisa qualitativa, os instrumentos e os procedimentos utilizados, assim como a apresentação dos colaboradores da pesquisa e o contexto empírico da instituição.

O segundo capítulo apresenta uma discussão sobre o papel do professor e conseqüentemente da escola como um fator relevante no aspecto motivacional para o desempenho do educando no processo de ensino-aprendizagem. Com isso, utilizou-se a contribuição de alguns teóricos que serviram de referencial, Boruchovitz e Bzuneck *et al* (2001/2010); Sacristán e Gómez (1998); Antunes (2008/2009); Portilho (2009); Rossini (2008); Carvalho e Gil-Perez (2006); Porto (2009) entre outros.

Quanto ao terceiro capítulo, traz os dados coletados através dos questionários e observações, os quais foram interpretados através do referencial estudado e do conteúdo obtido e analisado. E conseqüentemente, após os capítulos acima mencionados são apresentados as considerações finais e sugestões na perspectiva de possibilitar a continuidade desta investigação.

# CAPÍTULO I

## PERCORRENDO O CAMPO INVESTIGATÓRIO PARA O ESTUDO DA MOTIVAÇÃO NO AMBIENTE ESCOLAR

"Transformar ciência em conhecimento usado apresenta implicações epistemológicas porque permite meios mais ricos de pensar sobre o conhecimento."

Paulo Freire

Inicialmente, apresenta-se a metodologia aplicada na pesquisa. Dessa forma é iniciado um discurso sobre a abordagem qualitativa e respectivamente sobre os instrumentos utilizados. E com a necessidade de atender os objetivos da pesquisa utiliza-se a observação e o questionário. Além disso, tem-se como referencial Chizzotti (2003), Tartuce (2008).

### 1.1 A Pesquisa Qualitativa

Nesse tipo de abordagem o pesquisador é um sujeito ativo e descobridor do significado das ações e relações que estão presente no fenômeno investigado.

O campo investigatório foi em uma escola pública da zona urbana do município de Luis Correia, onde os sujeitos participantes da investigação foram os professores do Ensino Fundamental, já que possuíam um conhecimento prático de intervenção dos problemas identificados. A pesquisa realizada procurou verificar quais as estratégias de motivação utilizadas pelos professores e as conseqüências das mesmas no processo de ensino-aprendizagem.

A investigação foi de caráter investigativo, sendo de tipo qualitativo, pois partiu de condições reais como forma de interpretar flexivelmente os dados coletados. Assim, objetivando-se a observação, a descrição, a compreensão e ainda o significado, evitou a construção de hipóteses, que muitas vezes são de punhos posteriores.

Quanto à presente pesquisa, foi realizada em uma escola pública de Ensino Fundamental da cidade de Luis Correia, no período matutino, portanto os dados de forma alguma poderão ser quantificados e sim interpretados flexivelmente levando em consideração uma vasta gama de fatores.



Os dados obtidos foram interpretados através de análise do conteúdo tanto do questionário quanto da observação. Sendo assim, é preciso apresentar de cada instrumento utilizado como forma de apontar estratégias de motivação desenvolvidas na sala de aula que auxiliam no processo de ensino-aprendizagem.

## 1.2 Colaboradores da Pesquisa

A pesquisa está centrada fundamentalmente na prática dos professores no que diz respeito às estratégias motivacionais utilizadas na sala de aula que favorecem o processo de ensino-aprendizagem. No quadro 1 observamos o perfil dos colaboradores.

Colaboradores	Tempo na Instituição	Formação Acadêmica
Professora C	1 ano	Pedagogia/ psicopedagogia
Professora CL	5 anos	Pedagogia
Professora F	3 anos	Pedagogia
Professora FE	6 meses	Normal Superior
Professora G	6 anos	Pedagogia
Professora J	18 anos	Pedagogia
Professora K	1 ano	Ensino Médio
Professora L	8 anos	Pedagogia
Professora M	2 anos	Lic. Pf. em Educação Física
Professor MO	5 anos	Letras Inglês
Professora P	12 anos	Normal Superior
Professora R	6 anos	Lic. Pl. em Geografia
Professora S	20 anos	Normal Superior
Professora V	3 anos	Pedagogia

**Quadro 01:** Demonstrativo do perfil dos colaboradores da pesquisa

**Fonte:** Questionário aplicado aos professores

A presente pesquisa foi realizada com 14 professores do 1º ao 5º ano do ensino fundamental, do período matutino da Unidade Escolar Deputado Pinheiro Machado. Os colaboradores foram selecionados através da importância e interesse demonstrados em colaborar com a pesquisa e ainda com a fidelidade de entrega dos questionários.

### 1.3 Contexto Empírico

A pesquisa foi realizada na Unidade Escolar Deputado Pinheiro Machado na cidade de Luis Correia, a qual funciona no período diurno do 1º ao 6º ano, no período noturno do 5º ao 9º ano, e ainda oferece educação de jovens e adultos (EJA). No entanto o público alvo da pesquisa foram os professores do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental. Vejamos no quadro a seguir as salas observadas.

Séries Observadas	Quantidade de turmas
1º	02
2º	02
3º	01
4º	01
5º	01

**Quadro 2:** Relação de salas observadas

Fonte: Setor administrativo da escola

A instituição atende na sua maioria crianças do próprio bairro e dos bairros situados aos redores onde a mesma está inserida.

A infra-estrutura adéqua-se a condições regulares, possuindo uma diretoria, sala dos professores, sala de vídeo e uma sala de computação, uma cantina com dispensa, três banheiros sendo um para os professores e os outros dois para os alunos e ainda um auditório amplo, onde acontecem as reuniões de pais e mestres e as atividades recreativas e festivas da escola.

Com relação às salas de aulas tem pouca iluminação e algumas com um número

excessivo de alunos. A rotina diária da escola não possui alterações significativas das demais.

#### 1.4 Observação

Inicialmente o método aplicado para coleta de dados foi por meio de uma observação não participativa, ou seja, procedeu-se assumindo uma postura de espectador. Também optou-se pela observação como forma de reunir multiplicidade de informações.

Nesse sentido, “a observação implica um contato face a face entre o pesquisador e o que está sendo observado, o processo de coleta de materiais exige uma comunicação mais profunda e demorada entre os agentes envolvidos” (TARTUCE, 2008, p. 71).

Neste aspecto a observação como um dos instrumentos de coleta de dados é importante porque permite trabalhar com os dados determinantes da realidade. Além disso, nos permite não apenas conhecer o discurso e as ações dos colaboradores, mas todo o contexto onde ocorre o fenômeno.

No entanto, cabe ressaltar que durante a observação não podemos estar presente em todos os lugares ao mesmo tempo, o que gera um fator preocupante no sentido de estarmos ausente em alguma situação significativa para com a pesquisa. Porém, a observação no contexto das pesquisas de campo,

Tende a técnica de observação, a ser superior às dos materiais resultantes de outras técnicas de coletas, visto que parece ser mais fácil blefar, faltar com a verdade em situações que envolvem aplicação de formulários, questionários, entrevistas, do que fazer o mesmo no processo de observação (TARTUCE, 2008, p. 71).

O foco central da observação foi à prática dos professores no sentido de verificar quais as estratégias de estímulo por eles utilizadas, o que resultou da observação durante sete dias em salas de aula.

O roteiro usado durante o período de observação foi: Quais os principais recursos utilizados pelos professores como meio de estímulo no processo de ensino-aprendizagem? Quais as reações dos alunos diante das estratégias utilizadas pelos professores no processo de ensino? Quais os resultados da utilização dos recursos de estímulos? Foram observadas sete turmas. Sendo que em cada uma delas o pesquisador permaneceu um período de quatro horas, totalizando uma carga horária de vinte oito horas.

No item a seguir discutir-se-á outro instrumental usado na coleta de dados da pesquisa.

### **1.5 Questionário**

Como forma de obtenção de volume de dados expressivos em um curto período de tempo e de maneira a atingir um grande número de sujeitos para a pesquisa optou-se também pelo uso do questionário, no qual foram utilizadas perguntas abertas como forma de obter materiais qualitativos e informações mais complexas.

Os questionários foram entregues a 16 professores, no entanto só 14 foram respondidos, sendo que 2 professores demonstraram insegurança ao que responder.

Todavia, não foi fácil recebê-los, obtivemos poucos questionários no dia marcado da devolução, os demais foram solicitados diversas vezes pelo pesquisador, o que só aconteceu após o término da observação.

### **1.6 Pressupostos de Análise**

Como forma de melhor interpretar os dados, a pesquisa foi subdividida em categorias, na ordem a seguir:

- Motivação dos alunos em aprender.
- Frequência em que são utilizadas as estratégias de estímulo.
- Alternativas que auxiliem no processo de ensino-aprendizagem.

As categorias então relacionadas serão norteadoras das análises e discussões dos dados da investigação no último capítulo deste trabalho.

A seguir, discutiremos o segundo capítulo como forma de aprofundar os conhecimentos teóricos relevantes para fundamentar e analisar os dados obtidos.

## CAPITULO II

### O PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM E SUAS VERTENTES NO CONTEXTO ESCOLAR: ESTRATÉGIAS MOTIVACIONAIS

"O principal objetivo da educação é criar homens capazes de fazer coisas novas não simplesmente de repetir o que outras gerações fizeram homens criativos, inventivos, descobridores".

Piaget

O presente capítulo traz uma abordagem sobre a motivação no contexto escolar e as estratégias motivacionais utilizadas no processo de ensino. Busca também explorar o cotidiano escolar e alguns fatores de causalidades que podem alterar o comportamento da criança no processo de ensino aprendizagem. E como forma de obtermos pressupostos relevantes a temática fez-se uso dos fundamentos de alguns teóricos como: Rossini (2008), Carvalho e Gil-Perez (2006), Porto (2009), Portilho (2009), Antunes (2009), Boruchovitch e Bzuneck *et al* (2001/ 2010) entre outros.

#### **2.1 Ensino-Aprendizagem na Escola.**

O ensinar em todas as condições humanas deve ou ao menos deveria ser sinônimo de aprendizagem. No entanto, como afirma Rossini (2008), o grande desafio da arte de transmitir está em não negligenciar o aspecto formativo e o raciocínio, ou seja, proporcionar o aprender à aprender. Este desafio da transmissão mútua do saber está em proporcionar o feedback, pois quando não há esta relação de troca o transmitir torna-se apenas uma ação informativa e não formativa.

A ação transmissora deve ser para o aluno algo que transcenda somente este aspecto, deve ser algo prazeroso que lhe traga interesse e, portanto a aprendizagem.

O ensino acontece quando se aprende, ou seja, no próprio processo; dessa forma aprender é também modificar o comportamento, pois vai além de uma atitude meramente passiva, torna o indivíduo capaz de rever e analisar de forma crítica conceitos anteriores, possibilitando atuar e transformar seu próprio meio na medida de suas concepções sócio-culturais.

Sendo a aprendizagem contínua, gradativa e dinâmica, o ensino deve ocasionar essas condições, proporcionando a eficácia do ensinar, pois como afirma Paulo Freire, o ensinar inexistente sem o aprender, ou seja, não houve ensino se não houve aprendizagem.

Levando em consideração o processo de aprendizagem, segundo Rossini (2008) há sete etapas que devem ser consideradas. A motivação, o objetivo, a prontidão, as dificuldades, as respostas, o reforço e a generalização.

✧ A **motivação** como um fator de grande importância para a aprendizagem, torna-se então uma condição para aprender e quando o indivíduo não consegue obter satisfação no que lhe foi proposto a aprender torna-se receptivo a estimulação externa, ou seja, do ambiente. A partir daí, estando motivado age em torno de um **objetivo**, de modo que o professor e o aluno devem estar em sintonia para não seguirem metas diferentes, o que não seria viável para a aprendizagem. No entanto para que possa satisfazer suas necessidades e executar seus objetivos é preciso que esteja **pronto** tanto fisicamente como psicologicamente. Não adianta ensinar uma criança a ler se ainda não possui condições mentais para isso, é preciso certo cuidado ao elaborar e dirigir tarefas, deve estar em condições tanto para a idade como para a maturidade da criança.

✧ As **dificuldades**, os obstáculos encontrados por um indivíduo motivado criariam motivos para superar e realizar seus objetivos. O que seria o momento não só para o professor agir aproveitando-se dessa situação positiva, mas também é um momento de cautela para que essa tensão não seja exagerada tornando-se um bloqueio para o processo de aprendizagem. Com as dificuldades vencidas inicia-se a realização do objetivo e assim a uma resposta. Tão logo a **resposta** adquirida de forma a concluir seu objetivo continuará exercendo a mesma ação, caso ocorra o contrário tentará satisfazer até conseguir seu objetivo e por fim ocorrendo à **generalização**, fazendo com que a resposta correta integre às suas experiências, o que servirá de suporte para as experiências posteriores.

Diante destas etapas pode-se então perceber que cada indivíduo age conforme sua motivação diante dos fatos, até porque seus interesses são diferentes. Porém, conduzidos pela motivação de alcançar seus objetos que, embora diferentes, saciam suas necessidades da mesma forma.

A aprendizagem por não ser algo mecânico, ou seja, cada indivíduo aprende através dos seus interesses que são singulares, mesmo assim há algumas leis que devem ser consideradas:

- O ensaio e erro são capacidades do próprio indivíduo, por si só fixa as respostas certas quando não, usa a repetição até chegar à resposta certa.
- O condicionamento faz com que os estímulos deixem de ser indiferentes, ou

seja, o treinamento e o exercício promoverão a eficácia.

- A apreensão de formas ou configuração é fundamental para a progressão na aprendizagem, pois quando o indivíduo obtém um contato anterior, mesmo que em menor grau de dificuldade numa atividade proposta para ele será mais fácil atingir o sucesso, isso seria fornecer meios para apenas acrescentar novas experiências às anteriores.

“Essas três teorias ou leis da aprendizagem são convergentes, ou seja, uma não exclui a outra: o ensaio e o erro estão contidos na apreensão que está contida no condicionamento e assim por diante” (ROSSINI, 2008, p. 70).

Portanto, para que aconteça o ensino e a aprendizagem há a necessidade de um elo motivacional. Elo este que irá depender das particularidades de cada indivíduo, levando em consideração ainda sua maturidade.

Não adianta querer que um aluno aprenda sem estar preparado, maduro; é necessário que o professor faça uma ligação aos conteúdos, trazendo significação para ele. Por isso é necessário que cada atividade de aprendizagem seja adequada à maturidade em que a criança se encontra.

Esta preparação ou prontidão deve ser respeitada pelos pais e professores que, muitas vezes, imbuídos das melhores intenções, atropelam o processo de aprendizagem antecipando conceitos abstratos e inadequados às crianças ainda imaturas não prontas (ROSSINI, 2008, p. 64).

Contudo, essas questões merecem uma reflexão por parte do docente, sendo impossível resolvê-las adequadamente apenas com cursos e manuais de formação. É necessário que se faça uma revisão tanto na formação inicial como permanente dos professores.

Dessa forma pode-se chegar à algumas reflexões sobre o que realmente se faz necessário para melhor conduzir a aprendizagem. Mas isso só será possível se houver um trabalho coletivo na construção de uma troca efetivamente dialógica. “O essencial é que possa ter-se um trabalho coletivo em todo o processo de ensino/aprendizagem: da preparação das aulas até a avaliação” (CARVALHO e GIL- PEREZ, 2006, p. 18).

Dessa forma a ação docente deixaria de ser um ato monótono rompendo a inércia, o que traria uma possibilidade de efetivamente vir à tona a criatividade e o potencial que nela esteja contido. Nessa perspectiva a coletividade, tanto na ação, como para ação seria uma tentativa viável diante da problemática docente.

Contudo, este diálogo coletivo e a experiência adquirida devem fazer-se presente na ação docente, o ensino deve fazer sentido para a criança, o cotidiano deve fazer-se presente no ensino. Partir da realidade da criança, do mundo que a cerca, seria proporcionar uma aprendizagem não apenas para vida escolar, mas para a formação de um indivíduo como um todo. Seria prepará-los para exercer a cidadania e desenvolver a consciência e o espírito de transformação de si e do meio onde está inserido.

O aprendizado para tornar-se formativo não pode ficar restrito somente à aquisição de conhecimentos, informações e destrezas. Ele precisa estar voltado para capacitar o sujeito na execução de atividades por meio de processos mentais de ressignificação (PORTO, 2009, p. 66).

Com isso o currículo seria o grande guia para esta aquisição, já que este é apenas um referencial e não meta intransponível, devendo adequar-se as necessidades da comunidade. Porém antes dessa modificação, é necessário repensar, ressignificar, dar sentido à aprendizagem.

Dessa modificação é necessário que o corpo docente compreenda a necessidade de novas competências e habilidades, repensando a importância do seu papel diante de si e da sociedade. E partir do cotidiano é ponto fundamental, ou seja, adaptar o currículo à vida do aluno. O que para Porto (2009) seria envolver emoção e sentimento na aprendizagem, pois viver é aprender e é por meio da aprendizagem, que amamos, sorrimos e choramos.

E que sendo todo ser humano sujeito de desejo, toda parte emocional, negativa ou positiva está ligada diretamente à aprendizagem do indivíduo.

Portanto, como transmitir e conduzir o ensino são fatores primordiais para se atingir as emoções e, como consequência, conseguir alcançar o êxito no processo de ensino aprendizagem.

## 2.2 Estratégias de ensino – aprendizagem

Segundo Portilho (2009) a definição de estratégias confunde-se com o conceito de técnica.

- **Estratégias** – seriam um conjunto de regras que sustentam a eficácia de uma decisão em cada situação.



- **Técnica** – seria uma arte, maneira ou jeito especial de fazer alguma atividade.

No entanto, apesar de apresentar conceitos distintos percebe-se que ambas estão intimamente ligadas, estando uma complementando a outra.

[...] As técnicas são um conjunto de ações que se realizam para obter um objetivo de aprendizagem, dentro de um projeto planejado deliberadamente, com o fim de conseguir uma meta fixa. Sendo assim, podemos entender que uma estratégia comporta uma ou mais técnicas (PORTILHO, 2009, p.83).

Portilho apud Beltrán (2009) classificam as estratégias em:

- **Estratégias Cognitivas** – porque usam de um conjunto de técnicas na execução de uma ação. Estas estão de acordo com os sete processos de aprendizagem que são: sensibilização, atenção, aquisição, personalização, recuperação, transferência e avaliação;
- **Estratégias metacognitivas** – porque orienta tudo que se relaciona ao conhecimento. Estas estratégias decidem quais as estratégias a serem executadas, quando e como as controlam, sendo elas: de conhecimento (da pessoa, da tarefa e de estratégia) e de controle (planejamento, regulação e avaliação);

As estratégias de ensino-aprendizagem são uma fonte auxiliadora neste processo, servindo tanto para o professor como para os alunos, e atuando como facilitadora da aprendizagem.

Dessa forma destaca-se ainda um conjunto de funções específicas das estratégias de aprendizagem:

- Favorecem a aprendizagem significativa, ou seja, considera o que a pessoa já sabe, articulando com a nova informação;
- Permitem identificar as causas do fracasso escolar;
- Constituem uma nova tecnologia educativa;
- Promovem a aprendizagem autônoma, que é a aprendizagem na qual a pessoa se constitui autora, livre para escolher o caminho mais adequado a seguir;
- Acentuam a aprendizagem de processos, quando, por exemplo, se valoriza o caminho desenvolvido pela pessoa e não apenas o resultado obtido;
- Desenvolvem o aprender a aprender;
- Melhoram a motivação para o estudo, pois, quando estamos envolvidos em um determinado assunto, conhecemos alguns caminhos para fazê-lo, e mais condições favoráveis a uma significativa aprendizagem teremos;
- Orientam o papel mediador do professor, pois lhe dão subsídios necessários para propor novas maneiras de realizar as atividades, de acordo com cada aluno, provando, assim, suas potencialidades (PORTILHO apud BELTRÁN, 2009, p. 89-90).

x Como se pode perceber, as estratégias e recursos de estímulos motivacionais são fundamentais para o bom desempenho do aluno. No entanto, o professor ao se decidir pela aplicação de determinadas estratégias, deverá certificar-se de que é adequada à sua clientela. Portanto, programar atividades, além de atenção requer planejamento. E este deve levar em consideração uma gama de fatores condicionantes como: a realidade da turma, da comunidade onde a escola está inserida, qual o interesse da turma para os conteúdos a serem trabalhados e os conhecimentos prévios dos alunos.

Segundo Antunes (2009) os laços entre professores e alunos a cada dia se intensificam e na medida em que isso acontece torna-se imprescindível o afeto e a convicção da responsabilidade com o indivíduo em formação. Com isso, surge a necessidade de procedimentos e estratégias que devem ser elaborados após uma ação reflexiva.

Não adianta preparar uma situação estratégica de ensino sem que o aluno esteja preparado emocionalmente para agir diante dela.

Além da família o professor é o principal mediador do conhecimento devendo também conhecer e instigar em seus alunos o que realmente lhes interessa, ou seja, o quê, como e onde despertar suas emoções.

Não mais deve existir espaço para sala de aula em cuja porta edifica-se o simbólico cabide onde, ao entrar, o aluno ali deixa pendurados as suas emoções e sentimentos, posto que lá dentro valerá apenas pela lição que faz, atenção com que ouve e nota que tira (ANTUNES, 2009, p. 13).

As estratégias emocionais e motivacionais devem servir para promover a aprendizagem. Estimular a criança a aprender é promover condições para isso.

Rossini (2008) acredita que uma ação pedagógica centrada na motivação do aluno seria passo fundamental para promover a aprendizagem.

Proporcionar estímulos que promovam condições motivacionais deve partir não somente da ação mediadora do professor, mais de todo um conjunto de situações geradoras de emoções significativas. Além de ensinar o currículo programático, seria condicioná-lo a ser interessante e significativo para a criança de tal forma a envolvê-lo emocionalmente, assim despertando interesse para aprender.

Contudo, mesmo não existindo estratégias eficazes para promover a aprendizagem Bzuneck (2010) sugere os **embelezamentos** como estratégia motivacional. Estes embelezamentos seriam aquelas estratégias que tomem a aprendizagem interessante, sedutora, ou seja, que envolvam os alunos. Estas estratégias (embelezamentos) segundo a

listagem de Bergin (1999) seriam 13 tipos:

Manipulação de objetos e movimento físico; conflito cognitivo; introdução de novidades; relação com comestíveis; interação com amigos no grupo; autor explícito, nas atividades escritas; modelação; jogos; escolha de conteúdos atraentes para aquela classe (atualmente, seriam tópicos ligados ao aquecimento global, violência etc.); relacionamento com a vida, animal ou vegetal; fantasia; humor e apresentação de casos ilustrativos (BZUNECK, 2010, p.24).

Ressalta ainda que as modalidades de ensino que incluem jogos, quebra-cabeças, trabalhos em grupos, computadores também provocam interesse dos alunos.

Vejamos exemplos e definições de alguns embelezamentos:

**Conflito cognitivo** - o interesse parte da constatação dos alunos de que os conhecimentos e suas crenças são expostos por uma nova constatação. Por exemplo: uma professora após mostrar o globo terrestre para seus alunos pergunta por que a terra observada do espaço parece um planeta azul. As crianças então respondem convictas, seria porque o planeta é quase totalmente coberto por água. Então a professora retorna a pergunta. Por que então precisamos economizar água? Nesse momento acontece um conflito entre a primeira e a segunda pergunta. A partir daí a sala de aula passa a ter uma “chuva” de indagações a procura de uma solução.

**Introdução de novidades** – Deve despertar o interesse, a curiosidade atraindo a atenção. Devem também ter um efeito intermediário, não sendo tão distante da realidade ou familiar demais, pois em ambos os casos podem suscitar o desinteresse. Como exemplos, passeios a parques temáticos, trabalhos em duplas, parceria com turmas de nível mais elevado, vídeos, audiovisuais, palestrantes, visitantes e apresentação dramatizadas.

**Fantasia** – consiste em que os alunos possam desempenhar papéis fictícios, no ambiente da vida real. Na fantasia as crianças podem além de aprender, brincar e se identificar com os personagens sentindo-se como super-heróis e bem sucedidos. Exemplos: jogos de computadores ou cenários onde as crianças passam a ser personagens como: piratas, comandante de astronave e etc.

Outra forma viável, também, seria promover um “ambiente rico em estímulos, sempre com elementos do tema da idéia central [...]” (ROSSINI, 2008, p. 79). Seria então promover um tema gerador ou partir de um núcleo interessante.

Todas essas condições de aprendizagem podem ser eficazes ou não; conseqüentemente irão depender da postura do professor e da própria turma, lembrando que tudo isso está vinculado antes a criatividade e a adequação necessária para o contexto.

No entanto, Rossini (2008) apresenta pontos importantes que devem ser considerados: seleção, flexibilidade e duração.

O tema deve manter o interesse e a motivação dos alunos por isso deve estar aberto à flexibilidade, o professor deve ter discernimento para aproveitar todas as situações do dia-a-dia, sem rigidez, pois não sendo flexível poderá correr o risco de causar desinteresse das crianças. Por exemplo: O planejamento da professora era falar das estações do ano, no entanto as crianças estavam ansiosas em falar de um julgamento que era tema em evidência em todos os jornais televisivos e em todas as rodas de amigos. A professora então responde sem dar a devida importância para os questionamentos, que este assunto não os interessava e deixassem que a justiça que resolveria. O restante da aula foi do jeito que ela planejou e é claro não obteve interesse algum da turma. Ela poderia ter aproveitado uma parte da aula para discutir a idéia de valores e justiça a partir do caso noticiado e retomado o conteúdo da matéria (as estações do ano) em aulas posteriores. A flexibilidade para trabalhar com o material que o próprio aluno traz de casa, surgidas a partir de sua curiosidade e experiências, é um instrumento importante para o professor.

↳ Com relação ao tempo, o mesmo deve levar em consideração tanto a idade dos educandos como o interesse que o professor consegue despertar nas crianças para o assunto.

E ainda, o mais importante; o professor deve acreditar no que está fazendo, deve estar motivado, passar entusiasmo e segurança no que se propôs.

Com essas condições na sala de aula é hora do professor conduzir seus alunos, não somente a “dizer” e sim saber “falar”, ou seja, prepará-los para expor sua opinião, suas idéias com segurança, sem medo, ou seja, é papel também da escola preparar a criança para exercer sua vida como cidadão consciente na sociedade. Contudo o professor deve conduzir e despertar seus alunos para a leitura, a reflexão e o diálogo. O poder da palavra é algo tão complexo e de tal importância que nela pode estar resguardada a possibilidade de entender o outro, de conhecer seu aluno como um todo.

*O crescer do ser humano guarda paralelos marcantes com o desabrochar de uma flor. Requer que se tenha sobre cada etapa, cada dia, cada descoberta, cada aventura, um ouvido pleno de empatia, um olhar carregado de paixão, uma ajuda sem pressa, marcada pela serenidade da ternura (ANTUNES, 2009, p. 63).*

Portanto é dever do professor acreditar e proporcionar condições para que seu aluno consiga superar-se a cada dia, de aprender mesmo diante das dificuldades do cotidiano e ainda fazer dessas condições iniciais motivo para crescer e modificar seu meio, conquistando

seu espaço na vida e na sociedade.

### 2.3 Motivação

Segundo Rossini (2008), a motivação é a predisposição para alguns tipos de comportamento que o indivíduo desenvolve com o objetivo de satisfazer suas próprias necessidades.

A motivação tem sido entendida ora com um fator psicológico, ou conjunto de fatores, ora como um processo. Existe um consenso generalizado entre os autores quanto à dinâmica desses fatores psicológicos ou do processo, em qualquer atividade humana. Eles levam a uma escolha, instigam, fazem iniciar um comportamento direcionado a um objetivo [...] (BZUNECK, 2004, p.9).

× Diante dessas duas definições pode-se concluir que motivação é um estado interno, porém suscetível a estímulos externos que podem definir as ações e direcionar os objetivos e metas de um indivíduo.

Entretanto na vida humana há uma vasta gama de áreas diferentes e para cada uma delas há suas especificidades. Quando se considera o contexto escolar principalmente a sala de aula, há que se levar em consideração todo um programa que deve ser cumprindo no final de cada ano. Há o currículo, a execução de tarefas, atenção, concentração, raciocínio, são condições tão amplas que requerem um cuidado todo especial. Portanto a motivação do aluno está centrada basicamente à sala de aula.

Nessas condições Bzuneck (2001), ressalta que os efeitos da motivação do aluno resumem-se em envolver-se totalmente no processo de aprendizagem e este consiste no esforço em aprender. “Nada acontece, nenhum passo é dado se o ser humano não tem motivo, uma razão. Portanto, é preciso que ele tenha motivo para realizar qualquer ação” (ROSSINI, 2008, p. 39). É de natureza do ser humano sempre estar em busca de respostas para seus motivos, ou seja, de satisfação de suas necessidades. Todo motivo consiste no alcance de um objetivo, uma meta a ser alcançada.

Dessa forma o que os educadores podem influenciar na educação de seus alunos seria apenas promover recursos que os leve a serem motivados para aprender, pois “[...] ninguém consegue motivar ninguém se ele não quiser. Isto porque os motivos são específicos a cada ser humano” (ROSSINI, 2008, p. 40 – 41).

Nessas condições, não adianta exigir que o aluno faça essa ou aquela tarefa se ele não tem motivação para fazê-las. Isso não significa que ele não saiba ou que não aprenda, pois “temos falta de motivação e não de inteligência” (ROSSINI, 2008, p. 43). É necessário que todos os dias haja motivação não só para aprender, mas também para buscar os conhecimentos, ou seja, os mecanismos que leve à aprender.

Nesse sentido, é preciso que o contexto escolar seja repleto de atrativos que possam despertar a automotivação não só dos alunos mais de todos ali envolvidos. Mas no que se refere a sala de aula, como forma de manter essas condições, é preciso que o professor proponha ao seus alunos além de atividades que exijam apenas esforço, também aquelas que sejam desafiadoras.

Bzuneck (2001) ressalta que a motivação tornou-se um problema crucial para a educação, sendo que sua ausência afeta consideravelmente a aprendizagem. “Alunos desmotivados estudam muito pouco ou nada e, conseqüentemente, aprendem muito pouco” (BZUNECK, 2001, p.13).

Com isso acarretam-se situações negativas que podem afetar não somente a vida escolar mas, toda a vida do ser humano. “Portanto, sem aprendizagem na escola, que depende de motivação, praticamente não há futuro pra ninguém” (BZUNECK, 2001, p.13).

Na realidade a motivação deve estar presente em todas as coisas que se desempenhe na vida e é claro também deve ser constante no processo de aprendizagem, pois tão logo a criança tenha estímulos nas suas ações, mais facilmente conquistará seus objetivos, suas metas. E conseqüentemente, ao aprender a ler e escrever se tornará um ser liberto, estando preparado para construir e seguir seu próprio caminho. Aprender ler e escrever para um indivíduo é algo sublime, desde que essa leitura e escrita faça sentido para ele.

Ler e escrever ensinam o ser humano a fazer parte do mundo, é poder participar ativamente da construção da sociedade, ou seja, um indivíduo sendo portador dessas capacidades estará motivado para buscar, entender e construir sua vida e ainda transformar as situações que assim desejar.

Isso pode ser percebido desde o momento que a criança aprende a ler as primeiras palavras, é visível seu entusiasmo, a necessidade que tem de ler tudo que vê em sua frente. E o professor é um pilar nessa aquisição, e sustentação dessa descoberta fazendo com que esse entusiasmo não se apague nas séries posteriores, por isso deve promover situações de leitura, não somente mecânicas, mas que sejam prazerosas para a criança. A leitura e a escrita, faculdades humanas por excelência, o tornam um sujeito autônomo.

A escrita deve ser vista como algo significativo, que possui propósito e que permite ao aluno expressar sentimentos e intenções. Envolve, pois, não só saber escrever (produto), mas também poder comunicar-se de forma autêntica (COSTA e BORUCHOVITCH, 2010, p. 198).

Contudo os processos motivacionais são tão complexos que necessitam da atualização contínua do professor para que não esteja obsoleto diante das reflexões mais recentes.

Para que o professor possa, dessa forma, usar a motivação para desencadear em seus alunos a vontade de aprender, não só para a leitura e a escrita, mas para que possa estimular neles além desses instrumentos, a constante busca de mais e mais condições de poder crescer diante das dificuldades encontradas no decorrer da aprendizagem curricular, como também na vivência cotidiana do mundo que os cercam.

### 2.3.1 Motivação Intrínseca e Extrínseca

A motivação diante de algumas concepções pode ser vista como algo interno ou externo. Na teoria de Skinner, a aprendizagem torna-se mais eficiente quando há reforço positivo, sendo assim o indivíduo é visto como um ser que reage ao ambiente exterior; é o meio externo que propicia o estímulo. No entanto, em outras teorias o homem é visto como ser motivado internamente como na teoria gestáltista, onde a pessoa está motivada internamente devido a sua organização perceptual.

Porém, mesmo a motivação sendo interna, uma pessoa em desenvolvimento não permanece de modo narcisista centrada no seu próprio eu. Dessa forma não se pode definir a motivação como sendo somente uma variável. São vários os aspectos que estão relacionados simultaneamente à mesma.

Conforme Guimarães (2001) a motivação pode ser intrínseca e extrínseca:

- **Motivação Intrínseca** - refere-se à escolha e realização de uma atividade por vontade própria do indivíduo, ou seja, um indivíduo intrinsecamente motivado procura novidade, oportunidade etc., sendo vista como uma variável natural dos seres humanos.

Na motivação intrínseca o indivíduo encontra-se motivado por sua própria causa, interessa-se por alguma atividade por achar interessante e que de alguma forma possa gerar satisfação. A criança motivada internamente age mediante interesse individual. “Desse modo a participação na tarefa é a principal recompensa, não sendo necessárias pressões externas,

internas ou prêmios por seu cumprimento” (GUIMARÃES, 2001, p.37).

O ser humano intrinsecamente motivado procura diversão, vai em busca das oportunidades no intuito de aprimorar suas habilidades e, conseqüentemente obter satisfação no que executa.

“A motivação intrínseca é compreendida como sendo uma propensão inata e natural dos seres humanos para envolver o interesse individual e exercitar suas capacidades, buscando e alcançando desafios ótimos” (GUIMARÃES, 2001, p.38). Desse modo uma criança motivada internamente terá mais condições de satisfação alcançando maior êxito na aprendizagem.

O envolvimento e desempenho escolar de um aluno intrinsecamente motivado podem ser descritos na seguinte situação: apresenta alta concentração, de tal modo que perde a noção do tempo: os problemas cotidianos ou outros eventos não competem com o interesse naquilo que está desenvolvendo; não existe ansiedade decorrente de pressões ou emoções negativas que possam interferir no desempenho [...] (GUIMARÃES, 2001, p. 38).

A criança motivada intrinsecamente para o contexto escolar mantém a atenção, tem interesse para as atividades, não sendo necessário chamar sua atenção. Ela estará sempre disposta para aprender algo novo, se falta a aula por algum motivo, pega o conteúdo sem precisar de pressão ou exigência e como conseqüência aprende com facilidade e fica longe da reprovação. Nesse contexto, requer-se menos esforço do professor, o que não deve significar desinteresse pela sua prática.

- **Motivação extrínseca** - tem sido definida como a motivação para trabalhar em resposta a algo externo para obtenção de recompensa. O aluno executa as atividades na perspectiva de obter elogios, prêmios ou para evitar problemas como, a reprovação.

O decréscimo gradativo no nível de motivação ao avançar na escolaridade, diminui o comportamento de curiosidade, a busca de novos desafios, de conhecimentos e até mesmo a persistência. Então, na busca de solucionar esses problemas, o professor procura recompensas externas com o objetivo de motivar seus alunos a fazer as tarefas. Porém, é necessário certo cuidado, pois nem todas as recompensas utilizadas podem motivar todos os alunos. Deve-se levar em consideração que a motivação está relacionada a uma combinação de fatores, assim a sala de aula é apenas mais um componente para desenvolver interesse.

De certo modo, a motivação através de recompensas pode ser proporcionada de maneira cautelosa para que não se torne apenas a garantia de boas notas desfavorecendo, nesse contexto, a motivação para a aprendizagem.



Segundo Rossini (2008) apesar da grande motivação da criança depender da satisfação de seus interesses que são internos, existe também a motivação externa. A **personalidade do professor, o meio sócio-cultural, os recursos físicos e materiais** e até os fatos do cotidiano podem servir como condicionadores de motivação na e para a aprendizagem. Levando em consideração todas as situações do dia-a-dia da sala de aula o professor deve estar atento no sentido de promover estratégias focadas nos motivos de seus alunos e não nos seus.

Mediante esses aspectos alguns cuidados devem ser levados em consideração pelos professores para que não se cometa pecados como:

1. Usar de sua autoridade, esquecendo da relação dos objetivos dos alunos e a realização das tarefas.
2. Pensar primeiro nas suas necessidades e não de seus alunos.
3. Agredir fisicamente, principalmente as crianças pequenas que ainda não conseguem se defender.
4. Agir com descaso ou desprezo, ou seja, usar agressão psicológica.

A educação deve ser vista pelos educadores como um processo e não como mera execução das tarefas. Os alunos devem ser o centro da ação docente, ou seja, a educação deve ser processo possibilitando causas e efeitos e não somente a obtenção de resultados sem se importar com os caminhos percorridos. Portanto, o professor no contexto escolar é primordial para a exploração da motivação externa.

Outro fator que facilita a motivação extrínseca é o **toque físico** e que mais tarde com o crescimento da criança é substituído com o **toque psicológico**. Estes, de alguma forma podem exercer efeitos positivos ou negativos, eles provocam através de uma ação sempre uma nova reação.

O toque físico é aquele que a criança precisa desde ao nascer, isto é, o afago da mãe, o contato com a pele, o que já foi comprovado por cientistas sendo de fundamental importância para o desenvolvimento da criança. Exemplo: quando a criança é motivada a engatinhar para se aproximar da mãe através de contato físico ou estímulo de voz. Mais tarde este toque passa ser psicológico, por exemplo, quando chamamos a atenção de alguém por algum motivo a mudar o comportamento, este pode ter consequências positivas ou negativas, vai depender da situação e da maneira como foi exposto.

Segundo Rossini “Às vezes é melhor receber um toque negativo do que não receber nada” (ROSSINI, 2008, p.55). Se, por acaso a criança começa a desobedecer, o pai pode colocá-la de castigo ou ainda dar algumas palmadas, de alguma forma chama a atenção da criança para seu erro, o toque, apesar de negativo, é positivo para a criança, porque

contribui na sua formação.

O meio sócio-cultural é outro fator que influencia a motivação do ser humano, neste caso o professor pode propor atividades que satisfaçam as necessidades de cada um. Nessa situação para que ocorra a aprendizagem como se espera é necessário que o conteúdo faça sentido para a criança para que então possa buscar o êxito na aprendizagem.

Com relação ao ambiente físico, os recursos são importantíssimos desde que sejam bem explorados pelo professor. De nada adianta a escola ter recursos se o professor não tiver acesso ou não utilizá-los com eficiência.

Apresentar estratégias, sugerir desafios, ativar a curiosidade, propor fantasias são ações que só dependem do professor, e para isto, é necessário que ele esteja comprometido com sua prática docente.

## **2.4 A motivação do Aluno**

A motivação do aluno no contexto escolar é de fundamental importância para o pleno desenvolvimento e sucesso do programa curricular almejado pela escola. Porém, é claro que essa preocupação não é de todas as escolas, mas daquelas comprometidas com seu papel na sociedade, que é formar cidadãos conscientes e transformadores da sociedade e que sejam ainda, capazes de modificar suas vidas através da educação.

Para Bzuneck (2001) a sala de aula é o principal ponto para se conseguir todo o êxito esperado para as crianças no processo escolar. “A motivação do aluno, portanto, está relacionada com o trabalho mental situado no contexto específico das salas de aula” (BZUNECK, 2001, p.11), por isso a motivação não deve restringir-se simplesmente aos princípios gerais da motivação, mas deve levar em consideração todos os componentes singulares do contexto.

A motivação do aluno depende também da motivação do professor, ou seja, está ligada a todas as situações vivenciadas no contexto escolar. A escola de forma geral tem o papel motivador ou desmotivador para a criança, pois é nesse ambiente que ela vive uma grande parte de seu dia. Tanto a sala de aula, como o próprio pátio e a cantina, por exemplo, são importantes na construção da motivação do aluno. Todos os espaços da escola devem ser motivadores para a criança. Cada um desses espaços deve ser especial atraindo o que de melhor possa buscar e incentivar efetivamente em cada criança.

Conforme Bzuneck (2001) a motivação do aluno deve ser considerada sob dois

aspectos: O quantitativo e o qualitativo.

No que se refere ao **aspecto quantitativo**, a motivação pode ser mais ou menos intensa. Quando menor está a motivação, mais prejudicial se torna a aprendizagem devido ao pouco interesse para as atividades. Mas é necessário também preocupar-se quando a motivação for excessiva, podendo causar ansiedade, o que ocasionaria também problemas na aprendizagem.

Portanto, a motivação para o contexto escolar não deve ser fraca, mas também não deve ser extremamente alta, podendo então, o seu desequilíbrio causar prejuízo a criança.

[...] Uma motivação de melhor qualidade não significa que deva ser a mais intensa, devendo também apresentar menos componentes psicofisiológicos do que supõem as concepções tradicionais de despertar e de impulso. Em termos ideais, ela deve ser branda e vigilante, caracterizada mais pela qualidade do que pela intensidade (BZUNECK, 2001, p. 18).

Nessas condições o professor deve estar atento na medida em que as atividades forem desenvolvidas, no sentido de identificar essas alterações, para então agir conforme as necessidades.

Com relação a motivação no **aspecto qualitativo**, a criança pode estar motivada por razões que lhe seriam prejudiciais, o que lhe traria pouco envolvimento na aprendizagem e conseqüentemente menor desempenho nas notas. Por exemplo, quando o aluno preocupa-se em fazer rapidamente a tarefa somente para entregar logo ou ainda quando preocupa-se apenas com a nota, para não parecer incompetente.

Casos como esses representam distorções na qualidade ou tipo de motivação, porque as razões que movem o aluno não o direcionam tanto para o aprender mas para outros objetivos que, em razão de sua dinâmica, desviam a aplicação de esforço e energia de uma direção construtiva (BZUNECK, 2001, p.18).

Tudo isso leva o aluno a emoções negativas, como o fracasso e alta ansiedade o que afeta diretamente nas atividades escolares. Entretanto, apesar de estudos relevantes sobre a motivação humana ainda não se tem um teoria geral da motivação. O que existe são diversas teorias cada uma com suposições filosóficas diferentes.

Conforme Bzuneck *apud* Pintrinch e De Groot (2001), há uma função de três categorias gerais, impulsionadoras da motivação, relevantes para o contexto escolar. Estas representam o modelo geral de motivação definido como expectativa-valor.

- **Componente expectativa** – Considera as crenças dos indivíduos quanto a sua capacidade de executar uma tarefa. Esta categoria sendo de inspiração cognitivista foi primeiro proposta por Tolman no começo dos anos 30. Assim, o componente trabalhado é a resposta a pergunta do aluno: **posso** realizar essa tarefa? Este componente estimula o indivíduo a acreditar em sua capacidade em executar com sucesso a tarefa proposta.

- **Componente valor** – consiste nas diferentes metas e crença dos alunos referente a importância e o interesse que a tarefa tem para ele. Dessa forma a categoria valor está inclusa na teoria clássica de Atkinson, nos estudos contemporâneos sobre a motivação intrínseca. Baseia-se na resposta a pergunta do aluno: **por que** devo fazer essa tarefa?

- **Componente afetivo** – representa as reações emocionais diante às tarefas como: ansiedade, autovalorização, irritação etc..

No contexto escolar Bzuneck (2001) *apud* Stipek (1996), baseia-se em quatro tópicos relevantes na motivação do aluno: “a) **Reforçamento positivo**; b) **Cognições** (expectativas de controle, crenças de auto-eficácia, atribuições causais); c) **Valores**, contemplados especialmente na motivação intrínseca; d) **Metas de realização**” (BZUNECK, 2001, p. 22).

Dessa forma, dentre as abordagens teóricas sobre a motivação do aluno destacam-se principalmente os componentes, como metas, crenças, percepções de competências entre outros, o que de qualquer forma leva em consideração os componentes afetivos do ser humano diante das atividades propostas no cotidiano escolar.

## 2.5 O Professor e o Processo de Ensino

O professor é um profissional no qual sua competência, seus conhecimentos, suas habilidades estão à prova todos os dias. A sala de aula para o professor é o lugar não só para o ensino mais também para aprender.

Suas técnicas devem ou ao menos deveriam aperfeiçoar-se a cada dia fazendo das dificuldades e eventualidades da sala de aula uma construção, na tentativa de construir e reconstruir técnicas que possibilitem uma melhor aprendizagem para seus alunos.

O profissional do ensino, antes de ser um técnico eficaz, e mais do que ser um fiel servidor de diretrizes das mais varia das tendências, num sistema submetido a controles técnicos que mascaram seu caráter ideológico, deve ser alguém responsável que fundamenta sua prática numa opção de valores e em idéias que lhe

ajudam a esclarecer as situações, os projetos e os planos, bem como as previsões, conseqüências de suas práticas (SACRISTÁN e GÓMEZ, 1998. p. 10).

Assim, o professor que realmente compromete-se com sua prática torna-se um profissional aberto a mudanças, bem como à troca de experiências, ao melhorar o processo de ensino conseqüentemente promoverá uma aprendizagem eficaz.

Conforme Carvalho e Gil-Pérez (2006), o interesse em saber elaborar atividades que proporcionem aprendizagem surge como uma das necessidades da formação básica dos professores. E esse interesse cresce quando se deseja contribuir para uma aprendizagem significativa que favoreça tanto a sua própria prática quanto para suprir as necessidades de seus alunos.

Nessa perspectiva, saber preparar as atividades torna-se não só uma necessidade, mas uma prioridade.

A atividade do professor vai muito além de somente preparar aulas, seu papel agora é múltiplo devendo ocupar-se também de facilitar a comunicação,

Além disso, o professor deverá saber valorizar as contribuições dos alunos – reformulando-as adequadamente –, ter já pronta a informação pertinente para que os estudantes possam apreciar a validade de suas contribuições etc (CARVALHO e GIL-PÉREZ, 2006. p. 51).

Bzuneck (2001) acredita que, quando se especifica o contexto, a sala de aula, há de se distinguir duas funções diferentes e ao mesmo tempo complementares a serem cumpridas pelo professor.

A primeira trata-se de caráter **remediador**, baseado na recuperação dos alunos desmotivados ou em orientar novamente aqueles com alguma forma de motivação distorcida, quando diagnosticada.

A segunda função seria uma ação **preventiva** e permanente, dedicada a todos os alunos da sala, a cada série durante todo o ano mantendo a motivação para aprender. Essas duas funções embora diferentes, na prática, quanto aos objetivos são iguais sendo em muitos casos usada apenas a adoção de novas estratégias que se adeque à sala de aula.

Porém o mesmo autor alerta para alguns casos e como estabelecer essas estratégias: aqueles alunos inteligentes precisam de desafios, portanto precisam de atividades desafiadoras, é claro que de nível adequado. No caso daqueles alunos entediados a estratégia é variar tarefas, usar novos métodos possibilitando a participação ativa de todos; já aqueles

alunos que são excessivamente motivados por recompensas externas, o melhor seria não ratificar as conseqüências de sua ação, mas o melhor seria enfatizar o valor que tem a aprendizagem e sua importância para a vida.

## 2.6 Fatores Significativos: Dimensões de causalidade

Os fatores e as causas da motivação ou desmotivação dos alunos em especial nas séries iniciais são fatores que preocupam não só professores e diretores, mas pais e a sociedade de forma geral.

Conforme Martini e Boruchovitch *apud* Weiner (2001) as teorias cognitivas levam em consideração que a motivação para a aprendizagem, as emoções e as expectativas de sucesso e do fracasso no futuro sofrem influências das crenças do aluno. Entretanto, através de suas pesquisas afirmam que as atribuições de causalidade e do sucesso ou fracasso são explicados através das seguintes causas: inteligência/capacidade, esforço, dificuldade, sorte, influência do professor ou de outras pessoas, temperamento e cansaço.

A inteligência é vista como um fator interno, estável e incontrolável, enquanto o esforço é uma causa interna, instável e controlável; já as dificuldades e a sorte são vista como externas, instáveis, e sem controle do indivíduo. Porém, ressalta que além dessas condições de causalidade, existe uma lista infinita que pode possibilitar o sucesso e fracasso nas situações de desempenho do aluno, e que a motivação contempla também as crenças de cada indivíduo como norteadoras do comportamento. Portanto a atribuição de causalidade completa o pensamento, sentimento e a ação futura do indivíduo, assim sendo, quando localizada essa causa percebe-se que ela também pode influenciar as reações emocionais do aluno. Dessa forma os fatores de causalidades, como as crenças individuais seriam responsáveis pelas experiências de sucesso e fracasso, as quais representam um papel fundamental na motivação do aluno.

Mais importante do que a causa específica na determinação do comportamento são as dimensões de causalidade, pois são elas que exercem influência sobre a motivação à realização, sobre as expectativas de sucesso e fracasso futuros e sobre as reações emocionais dos alunos. Além disso, uma mesma causa pode ser interpretada de maneira diferente por diversas pessoas (MARTINI e BORUCHOVITCH *apud* WEINER, 2001, p. 149).

Conhecer as atribuições de causalidade da motivação ou desmotivação dos alunos

faz-se necessário devido à necessidade de intervenção, pois quanto antes detectada será mais fácil para o professor redirecionar seus métodos e estratégias, ou seja, promover condições para que estes alunos de alguma forma possam buscar motivar-se e assim obter um bom desempenho na aprendizagem.

No entanto perceber estas causas e fatores para aqueles professores condicionados as ações repetitivas sem uma reflexão de sua prática, torna-se algo quase impossível, pois não se pode refletir e avaliar alguma situação se não há intenção de mudança. Contudo segundo Coll *et al* (2004), quando essa reflexão acontece, uma das maiores dificuldades enfrentadas pelos professores é ensinar àqueles alunos que não querem aprender ou seja aqueles com pouca motivação nas tarefas escolares. Ressalta ainda que embora isso aconteça, não é em todas as disciplinas, situação que deve ser observada pelo professor, pois quando falta motivação o rendimento é mínimo.

Quando se fala de fatores e atribuições de causalidade, há algumas situações frequentes que podem contribuir para a desmotivação do aluno em aprender, como: **a baixa estima, a família, a avaliação e ainda o fracasso escolar**. Em alguns casos existem crianças que se sobressaem desses problemas, outras não conseguem, desvinculando-se da escola devido a um fator primordial a baixa-estima, outro fator é a relação tanto na escola como o relacionamento da própria criança com a família. Os outros dois fatores são a avaliação e o seu próprio fracasso diante dela, o que diminui ainda mais a vontade de aprender.

### 2.6.1 Baixa- Estima

Conforme Rossini (2008) é comum as crianças serem rotuladas como: bagunceiras, burras, choronas, mentirosas e etc. Com isso a criança vai interiorizando esses rótulos e somando desaprovações, sentindo culpa, aos poucos se desmotiva, e por fim sobrevém à baixa-estima.

Segundo Coll *et al* (2004) a baixa-estima é a falta de confiança em si mesmo, ocasionando o desinteresse e, sobretudo, a falta de motivação para aprender e superar obstáculos, ou seja para esses alunos nenhum esforço da escola ocasionará elevação de sua estima. Então nessas condições a criança começa a sentir que as tarefas propostas são impossíveis de resolver, sugerindo a sua própria falta de capacidade, estimulando o desinteresse e aflorando o sentimento de impotência.

A baixa-estima está ligada a vários fatores e circunstâncias que o indivíduo pode

vivenciar e um deles é o cotidiano escolar. Um aluno que acarreta problemas familiares e ainda sofre com algum desprezo por parte do professor ou dos próprios colegas pode chegar a desmotivar-se a tal ponto de achar-se incapaz e que seu sucesso ou fracasso não trará importância a quem quer que seja.

O professor como um educador ciente de sua prática, deve tomar esses cuidados para não deixar de lado aquele aluno mais lento isolado taxando-o como preguiçoso e que não sabe de nada, culpando-o como se seus erros fossem somente culpa dele. A criança nesse estágio de desmotivação torna-se a cada dia um fardo para aquele professor descompromissado e conseqüentemente não terá o sucesso esperado na escola. Portanto é fundamental que o professor esteja atento a perceber essas situações, pois às vezes o aluno não faz a tarefa não porque não saiba, mas porque não há interesse em fazê-la.

O professor ao perceber essa situação ou modificação desse aluno deve agir na tentativa de amenizar o problema com novos métodos, técnicas, conversas com a família, diálogos com o próprio aluno; talvez ele precise somente de atenção e que o depositem um pouco de confiança pois,

A auto-estima de um aluno não se deve a condição genética e, menos ainda, a resultado de Inteligência ou da personalidade da criança; mas vem da interiorização do quadro que os pais e professores dela fazem (ANTUNES *apud* ROGERS E KELLY, 2009, p.23).

Nessas condições a escola deve atuar na tentativa de evitar o abandono de seus alunos já que o ambiente escolar, que não é capaz de corresponder às perspectivas de seus alunos, pode gerar marcas profundamente negativas nos mesmos.

A escola deve ser vista pelo aluno como um lugar prazeroso; para isso não só os professores, mas todos os profissionais ali envolvidos devem colaborar para que isso aconteça.

Pittenger e Gooding (1997) acreditam que as condições da escola e da própria sala de aula são modificáveis numa escola onde os alunos estão em primeiro lugar, por isso certos cuidados devem ser considerados.

Para chegarem a experimentar êxito na tarefa de motivar os alunos, os professores não podem contar apenas com o senso comum ou com a intuição. Tome-se como exemplo o uso do elogio ou da crítica em sala de aula. Intuitivamente, as pessoas podem achar que o elogio sempre é benéfico à auto-estima e favorece a motivação; e a censura prejudica a auto-estima e a motivação. Ora, as pesquisas mostram que os



efeitos do elogio e da censura às vezes têm efeitos contrários ao que parece nessa suposição. Há casos em que o elogio é contraproducente e a censura incrementa a motivação (BZUNECK, 2001, p.29).

Todavia segundo Antunes (2009) em nenhuma hipótese o professor deva deixar de criticar ou exigir maiores esforços de seus alunos e menos ainda que não corrijam seus erros, porém não deixando de enfatizar que não importa o que façam, ele será sempre merecedor de todo seu cuidado e é claro respeito.

Em qualquer situação para que a ação do professor seja condizente com a situação, é necessário que além do compromisso com sua ação educativa, conheça seu aluno; suas limitações, sua condição sócio-cultural e ainda suas vivências, ou seja, as experiências adquiridas.

Rossini (2008) acredita que é responsabilidade de pais e educadores, estimular as crianças, auxiliando-as na construção de uma boa imagem ou fazê-las perderem a autoconfiança e assim a auto-estima.

## 2.6.2 A Família

Segundo Rossini (2008) o amor da família é muito importante para a criança no início da vida para que mais tarde possa com segurança e maturidade relacionar-se com as outras pessoas. A família é a base do indivíduo em formação, nela está constituída todas as suas características, suas crenças e o significado de suas atitudes.

Segundo Almeida e Guisande (2010) A formação dos pais, os estilos de vida, o apoio extraescolar, ou seja, as condições de vida interferem no contexto social, na aprendizagem e, portanto no rendimento escolar; o que afeta as concepções de competência. Aqueles pais que apóiam que estimulam seus filhos, que acreditam na sua capacidade tornam-se parceiros na construção da aprendizagem.

Dessa forma a participação familiar na escola é algo que não deveria ser imposto ou cobrado, mas deveria ser uma ação de amor e respeito com a criança em formação; essa atitude além de demonstrar atenção, é uma atitude que colabora no interesse do aluno, pois, sabendo que a família preocupa-se com ela, aflora o sentimento de orgulho e desperta a motivação para o sucesso educacional.

É perceptível a diferença motivacional de uma criança onde a família faz-se

presente na escola, daquela onde pouco se interessam. Mesmo que o currículo não faça parte do assunto do cotidiano familiar e seja pouco provável

[...] Por exemplo, que no cotidiano familiar tenha-se a reprodução de conceitos discutidos quando se trabalhou o tema “Renascimento”, mas inegavelmente é também na família que o aluno sempre exercitará questões que envolvem seu autoconhecimento sua empatia, a administração de seus estados emocionais e seus sentimentos de ética e preservação de estados conscientes mesmo em situações adversas. Como a família será sempre o primeiro grande cenário da ação refletida na escola, sua participação é essencial, ainda que nem sempre possa com a mesma se contar (ANTUNES, 2009, p.54).

Por isso a família deve participar das ações da escola, inteirando-se das atividades e mantendo uma relação amigável e participativa junto aos professores.

A criança que tem apoio familiar interage, participa e ainda tem motivos para tirar boas notas, ser elogiado, pois para ela agradar os pais, fazer com que tenham orgulho de seu esforço e sucesso desperta a motivação para aprender.

Contudo uma família ausente tanto na escola como para seus filhos torna-se também agente de desmotivação na aprendizagem como na própria vida da criança.

### **2.6.3 A Avaliação**

Segundo Guimarães (2001), a avaliação é um dos elementos que mais se sobressai no cotidiano escolar. A prova muitas vezes é considerada o único estímulo para o professor na tentativa de chamar a atenção de seus alunos. Assim, a maneira como o professor trabalha com a avaliação mostra as concepções que ele tem de ensino-aprendizagem.

Sua ação avaliativa se baseia nas concepções que acredita ser importante. Se a aprendizagem para ele significar apenas a transmissão de conhecimentos a avaliação será elaborada na condição de descobrir se seus alunos assimilaram os conteúdos e se estão preparados para reproduzi-los tal qual foram expostos.

Contudo, se acreditar na aprendizagem como construção do conhecimento, o objetivo da avaliação será a interpretação do conhecimento elaborado e é claro propiciar mais uma situação de aprendizagem.

Conforme os Parâmetros Curriculares Nacionais (1997) a avaliação deve ser um subsídio para o professor com elementos para uma reflexão contínua da sua prática, para a

criação de novos instrumentos e a retomada de atitudes que devem ser revistas, ajustadas ou até mesmo reconhecidas tanto para a aprendizagem individual como coletiva.

A avaliação como fator de causalidade pode interferir na motivação do aluno e obviamente na aprendizagem, por isso a mesma deve representar uma maneira de obter informações ao invés de ser utilizada apenas como meio de reprovação. Pode se afirmar que, em alguns casos quando o aluno possui a nota mais baixa que a esperada, costuma ficar desanimado, o que o leva a comparação com os outros, resultando no desinteresse e conseqüentemente na desmotivação; o que seria o contrário do que a escola deveria estimular.

Vários teóricos consideram cada vez mais que a inteligência humana não é só treinável como também sensível à qualidade das intervenções educativas. Uma nota atribuída por um teste não mede a inteligência do aluno, assim o professor é responsável pelo apoio em sala de aula ajudando-o a desenvolver um conceito de inteligência que exceda a capacidade intelectual.

O foco de uma avaliação jamais deve estar centrado no conteúdo trabalhado, mas na capacidade de contextualização revelada pelo aluno em aplicar os ensinamentos desse conteúdo em outros níveis de pensamento, outras situações e até mesmo outras disciplinas.

“Ensinar” algo significa variar muito e sempre os contextos em que o aluno constrói jamais fiquem vinculados a apenas um contexto e, em decorrência, “avaliar” a aprendizagem significa valer-se de uma grande diversidade de atividades que possam colocar o conteúdo que se quer apreendido em diferentes contextos particulares (ANTUNES, 2008, p.32).

Portanto a avaliação dependendo do professor e de suas concepções pode ser um ato que pode proporcionar o interesse, a auto-estima bem como aflorar a motivação do aluno, por outro lado pode também acarretar além da reprovação o desinteresse, a baixa estima e por fim a desmotivação.

#### ✓ 2.6.4 O Fracasso Escolar

Ana Carolina (7 meses) era sempre colocada para brincar de tocar piano. Nas primeiras experiências de “tocar” piano foi aplaudida pelos presentes.

Num outro dia, todos estavam desatentos enquanto ela “tocava”. Ao fazer uma pausa, ninguém aplaudiu. Então, ela mesma bateu palmas para sua proeza, chamando a atenção de todos (ROSSINI, 2008, p.33).

Na citação de Rossini é possível perceber a importância de valorizar-se desde

muito cedo as realizações das crianças. É necessário que o professor estimule a capacidade de realização do aluno formule situações e desafios gostosos de serem vencidos e que estes sejam valorizados e reconhecidos, pois o ser humano tem necessidade de brilhar e ser reconhecido no grupo social.

Segundo Boruchovitch e Costa *apud* Stipek (2001) de maneira geral é freqüente a ansiedade em alunos que estão com baixo desempenho, podendo variar de níveis, chegando a ser imperceptível ou ao extremamente perceptível. Aborda ainda que o fracasso para uma criança possa aumentar a ansiedade além de contribuir para reduzir a motivação em aprender.

O professor deve estar atento a essas situações procurando conhecer as experiências prévias de seus alunos e entendê-los, pois o aluno pode estar motivado ou desmotivado em função do significado que têm para ele a tarefa escolar. Um aluno que acumula reprovações e, portanto fracassa nas atividades, ou seja, provas, exercícios e avaliações, podem vir a sofrer da baixa-estima, da desmotivação e dificilmente encontrará significado para aprender.

O ser humano é movido pelo desejo de “se dar bem” nas suas ações e quando isso não acontece repetidas vezes, o cansaço e a desmotivação são aflorados, por isso é dever da família, da escola e do professor conduzir essas crianças e alunos a chegarem ao êxito formulando situações de sucesso, mas não se esquecendo de mostrar e enfatizar que muitas vezes o fracasso é necessário e que o ser humano está suscetível a isto. Contudo é dever também do professor mostrar que o ser humano não está fadado somente a isto, mostrando-o que muitas vezes o erro é condição para o acerto.

Não há dúvida de que a motivação do aluno para estudar para uma prova está relacionada a uma baixa expectativa de fracasso, por parte do mesmo. A ameaça de fracasso, em geral, leva o aluno ao engajamento em comportamentos de evitação, tais como: o estabelecimento de metas irracionais, a procrastinação, entre outros, que por sua vez afetam a efetividade do estudo. Na realidade, a grande maioria dos alunos não sabe e não está preparada para lidar com as situações ansiógenas, na escola (BORUCHOVITCH e COSTA, 2001, p. 140).

Portanto, a ação avaliativa pode tornar-se uma ação motivadora e ao mesmo tempo desmotivadora, isso vai depender do grau de importância e significado que essa tem para o aluno e para o professor.

Em síntese não há como negar que o fracasso escolar é um tema em evidência e que muito preocupa pais e professores. Este fator de causalidade além de por si só interferir na aprendizagem pode interferir na vida pessoal e profissional do indivíduo. Contudo esses

fatores de causalidade não se restringem somente a estas causas, mas há uma infinidade de causas e situações que podem gerar a desmotivação no contexto escolar. Essas condições e situações merecem uma atenção devido às modificações que podem ocasionar na vida da criança e futuramente na vida adulta.

### CAPITULO III

## O CAMPO INVESTIGATÓRIO: ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

“O papel do pesquisador é o de servir como vínculo inteligente e ativo, entre esse conhecimento acumulado na área e as novas evidências que serão estabelecidas a partir da pesquisa”.

LUDKE e ANDRÉ

Neste capítulo, os dados coletados, a análise e interpretação dos dados obtidos no decorrer da pesquisa vêm confrontar-se com a literatura apresentada. Assim, pretende refletir sobre a prática pedagógica dos professores com relação aos estímulos e estratégias motivacionais utilizadas em sala de aula na tentativa de promover melhores condições de ensino-aprendizagem das crianças do 1º ao 5º ano do ensino fundamental da Unidade Escolar Deputado Pinheiro Machado.

Diante das observações realizadas em sala, percebeu-se que as estratégias de estímulos utilizadas pelos professores consistem basicamente na exploração mecânica do livro didático e nas aulas expositivas. Com isso as crianças permanecem sentadas e ao mesmo tempo inquietas; sendo necessário que o professor chame sua atenção para permanecerem nos seus lugares e que façam silêncio. As crianças também ficam dispersas durante a explicação, o que incomoda os professores. Contudo, os métodos foram os mesmos diante de qualquer disciplina observada.

Também foi visível que os professores não sabiam lidar com situações impostas pelo próprio cotidiano da sala de aula. Um exemplo é a inclusão de crianças com necessidades especiais na escola regular, no entanto a integração dessas crianças ainda é algo a desejar. Durante o período de observação o observador presenciou uma cena no mínimo constrangedora com um aluno com necessidades especiais, porém ainda não confirmada, pelo menos pelo professor da sala.

Esta permanência como apenas uma peça de um jogo, ali firmada sem movimento, até que de repente começava a bater na mesa, ao mesmo tempo em que balançava-se na cadeira. Na tentativa de acalmá-lo a professora entregou-lhe papel e pincel, que então riscava sem controle e estratégia. Até que ocioso novamente começa a gritar e bater com mais força na cadeira; saía de sala e gritava pelos corredores. A professora já sem saber o que fazer fechou a porta da sala com a criança no corredor no que ele gritava sem parar, e ela continuava a segurar a porta para que ele não entrasse.

Essa situação além de ser algo preocupante demonstra que os professores parecem

não saber lidar com situações comuns do cotidiano, como o desânimo e a inquietação das crianças sem necessidades especiais, quiçá com situações ainda novas e adversas como a relatada logo acima, fruto da inclusão pregada pela Lei de Diretrizes e Bases ( <sup>1</sup>LDB ).

Portanto, as estratégias e estímulos para deixarem as aulas agradáveis e prazerosas não foram presenciadas com exceção da aula de inglês de um professor em especial, mas o fato é que as crianças mesmo sem noção do valor e do que seja a aprendizagem reclamam das aulas por serem chatas e monótonas.

A seguir os resultados e a análise dos dados diante do período de observações e aplicação dos questionários.

### 3.1 Estratégias Motivacionais no Contexto Escolar

Conforme o que foi observado nas sete turmas os professores não se utilizam de estímulos e estratégias de ensino além do convencional como: o livro didático e a aula expositiva. Vale ressaltar que a escola é provida de recursos lúdicos e tecnológicos. No entanto percebeu-se, através dos questionários que há desconhecimento por parte dos professores sobre o que são recursos e estratégias ou a conhecem muito superficialmente. Em alguns questionários quando interrogados “sobre quais estratégias utilizam para ensinar seus alunos”, foram respondidos dessa forma:

Músicas, poesias, leituras, filmes, cartazes, aula expositiva dialogada. (prof. FL)

Assuntos que envolva no seu dia-a-dia, jogos, materiais concretos de acordo com o assunto, pesquisas (prof. F)

Proporcionar um ambiente agradável, material, dessa forma flui. ( prof. MO )

Explicação oral, dinâmica de grupo, jogos. (prof. G)

Geralmente utilizo material concreto, simulação de situações do cotidiano do aluno. (prof. C)

Conversas dirigidas a partir de algo que eles conheçam leituras e comentários, outros, materiais. (prof. CL)

Jogos didáticos. (prof. S)

<sup>1</sup> Art. 59 – Os sistemas de ensino assegurarão aos educandos com necessidades especiais:

III – professores com especialização adequada em nível médio ou superior, para atendimento especializado, bem como professores do ensino regular capacitados para a integração desses educandos nas classes comuns;

Paciência e amor, estudando, pesquisando e vendo a realidade de cada um (Pro.V)

Constatou-se também ao perguntar o que colabora para a motivação dos alunos em aprender, alguns deles relacionaram o contexto familiar como fundamental.

Incentivo e apoio da família, material didático e específico para cada faixa-etária. (prof. C)

Assuntos que tenha a ver com o cotidiano. (prof. CL)

A motivação dos pais. (prof. S)

Dessa forma verificou-se que os professores mesmo não sabendo com clareza diferenciar o que são os recursos e as estratégias, têm a consciência que, para tornar a aprendizagem prazerosa e ainda favorecer a motivação dos alunos em aprender é fundamental o uso de estratégias e é necessário que esta faça parte do cotidiano da sala e da sua prática pedagógica. Na aprendizagem a ação deve ser guiada, dirigida; devendo ter significado para que ela então aconteça de forma motivadora e interessante para a criança.

### 3.2 Frequência de utilização de estratégias motivacionais –

Durante o período de observação foi possível constatar que são mínimas as estratégias de estímulos utilizadas pelos professores. Na maioria das aulas observadas não foi possível perceber estratégias além da aula expositiva. Durante as aulas expositivas as crianças não mostravam entusiasmo e interesse, porém isso parecia não influenciar uma prática reflexiva do professor; o incômodo era a indisciplina das crianças.

Na escola percebe-se que as crianças gostam de duas disciplinas: educação física e aula de inglês. O motivo dessas preferências era a dinamicidade e o entusiasmo demonstrados especialmente pelo último professor. Na aula de educação física jogar bola para os alunos já era o bastante para ser legal e na aula de inglês o que os motivava era a espontaneidade do professor. Escreviam pouco, a aula era participativa, viam clips musicais, recortavam colavam, faziam competição de meninos e meninas e assim por diante. Enquanto alguns professores não mostravam interesse em mudar a monotonia de suas aulas esse professor disse



ao responder o questionário ser um educador reflexivo de sua prática. Isto além da observação pode ser fundamentado através do questionário a seguir, quando perguntado sobre o que colabora para motivação dos alunos em aprender, o professor de inglês responde:

O interesse, tudo gira em torno do interesse. (prof. MO)

No entanto outras respostas fundamentam a observação realizada do pouco interesse e de uma ação pouco reflexiva e inovadora de alguns educadores:

Somente o esforço do professor para uma melhor aprendizagem. (prof. V)

Um conjunto de fatores contribui para o desenvolvimento do conhecimento. (prof. F)

Portanto usar criatividade, ser dinâmico, fazer da ação educadora uma ação também motivadora constitui-se fundamentalmente de uma ação reflexiva, de uma prática voltada para a criança e os seus interesses.

### **3.3 Reflexão Sobre a Prática do Professor**

A aprendizagem além de prazerosa deve ser significativa para a criança. Segundo os PCN's (1997) uma aprendizagem significativa depende de uma motivação intrínseca, a criança deve tomar consciência da necessidade e despertar para a vontade de aprender. Aprender deve ser uma ação gostosa cultivada pela motivação, para que então a criança possa desenvolver-se diante de suas dificuldades e nas mais variadas situações. Refletir sobre sua prática deve ser uma ação permanente daquele educador preocupado em transformação da realidade. Novas estratégias, novos métodos são necessários para cultivar nas crianças o interesse em ir à escola e a própria vontade de aprender.

Diante do que foi perguntado nos questionários aos professores, sobre o que fazem para buscar alternativas de auxílio no processo de ensino; percebeu-se que a formação do educador e a formação continuada é fundamental para uma ação reflexiva e transformadora.

Procuro buscar de todas as formas auxílio no processo de ensino. (prof. F, pedagoga)

Interagir com os alunos, para que ocorra um desempenho positivo, assim alcançando os objetivos esperado que seja o desenvolvimento dos alunos. (prof. K, nível médio)

Na escola em que trabalho é difícil buscar alternativas, já que o alumnado são crianças carentes de afeto e carinho dos pais, o que sugiro mesmo é o acompanhamento de profissionais especializados, já que a escola dispõe de bons professores. ( prof. C, pós graduação em psicopedagogia)

Com isso percebe-se que a formação transforma o professor, tanto na sua maneira de pensar como na de agir. E que não basta somente ter recursos, faz-se necessário força de vontade para formar profissionais qualificados, a fim de produzir professores capacitados para agir de forma diferenciada; de colocar-se em lugar do aluno percebendo todas as suas dificuldades tanto sócio-econômicas como psicológicas.

Sendo assim este estudo é ainda pequeno, porém válido diante do objetivo que aqui foi proposto, tanto para perceber as condições em que as estratégias motivacionais são evidenciadas e realizadas e o grau de importância que têm para o professor diante de sua prática, quanto para o próprio aluno diante da mesma. Além disso, o pequeno campo da literatura motivacional ainda pouco explorado toma-se imenso diante do minúsculo estudo aqui apresentado e da necessidade da ação educativa, por isso espera-se que a presente pesquisa possa de alguma forma contribuir para uma ação reflexiva do leitor e ainda possibilite sugestões e motivação para novas pesquisas e ao mesmo tempo possa envolvê-los acreditando que a sala de aula não seja somente um espaço para uma aprendizagem simbólica, mas que essa seja prazerosa e significativa para ambos os envolvidos (professor e aluno), despertando a motivação para novos estudos e trabalhos posteriores bem como complementar o aqui apresentado.

## CONCLUSÃO

Diante da pesquisa apresentada verificou-se que a motivação no contexto escolar é um fator de destaque para promover a aprendizagem. O ser humano necessita de motivação para alcançar seus objetivos e assim satisfazer-se de modo a crescer na vida pessoal e profissional.

Na formação educacional não é diferente, tudo tem que ter sentido, um objetivo, toda ação deve se guiar por um interesse. Diante disso, o professor deve manter uma ação reflexiva como forma de avaliar sua *práxis* bem como estar atento a situações que podem modificar de alguma forma o desempenho escolar de seus alunos. Toda ação do professor deve antes girar em torno do interesse do aluno, ele é o seu objetivo e se o professor estiver atento o aluno pode ser o seu próprio guia, dando direcionamento para a ação. Uma criança motivada para aprender estará em condições de crescer na busca de seus objetivos.

Também foi possível perceber, durante as observações, que a maioria dos professores da escola pesquisada, embora se incomodem com o contexto escolar que os cercam atualmente, não se esforçam na tentativa de transformá-lo e assim promover uma mudança tanto na sua prática como para a aprendizagem de seus alunos. Cabe ressaltar também, que além das situações rotineiras, a inclusão nas salas regulares de ensino preocupa esses educadores. É necessário além de incluir, integrar essas crianças, o que não está acontecendo, verificou-se também que se não há o uso de estratégias para as outras crianças, imagine para aqueles com necessidades especiais. Outro ponto importante diz respeito ao professor, é necessário investir na formação continuada desse profissional, só assim será mais fácil de lidar com as situações novas e adversas no contexto escolar.

Portanto, conclui-se que, apesar das observações e dos questionários aplicados, não é possível afirmar que essa situação de displicência por parte do professor, quanto a motivação do aluno é contínua, pois o tempo de observação foi mínimo diante da vasta gama de situações que o contexto escolar proporciona. Muito embora a observação realizada tenha sido constante, não foi possível prever e presenciar todas as situações que podem aparecer no cotidiano da sala de aula.

Por fim, espera-se que esta pesquisa sirva de estímulo a outras e ainda possa colaborar para novas sugestões para a temática apresentada, visto que mesmo na tentativa de obter o máximo da literatura torna-se ainda muito restrita, devido a tentativa de alcançar o objetivo proposto desde o início deste trabalho. Há que se considerar também que apesar do tema despertar interesse no Brasil as maiores pesquisas são estrangeiras, por isso, mais do que

nunca analisar a importância da motivação no processo de aprendizagem faz-se necessário para conhecer um pouco mais das bases da educação brasileira.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Leandro S.; GUISANDE, Maria Adelina. Atribuições causais na explicação da aprendizagem escolar. In: BORUCHOVITCH, Evely (Org.). **Motivação para aprender: aplicações no contexto educativo**. Petrópolis: Vozes, 2010.

ANTUNES, Celso. **A avaliação da aprendizagem escolar**. 7. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

ANTUNES, Celso. **Alfabetização emocional: Novas estratégias**. 14. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

ANTUNES, Celso. **Relações interpessoais e autoestima: a sala de aula como um espaço do crescimento Integral**. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

BORUCHOVITCH, Evely; COSTA, Elis Regina. O impacto da Ansiedade no rendimento escolar e na motivação de alunos. In: BORUCHOVITCH, Evely (Org.). **A motivação do aluno: Contribuições da psicologia contemporânea**. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

BORUCHOVITCH, Evely. Inteligência e motivação: perspectivas atuais. In: BORUCHOVITCH, Evely (Org.). **A motivação do aluno: Contribuições da psicologia contemporânea**. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

BRANDÃO, Carlos da Fonseca. **LDB passo a passo: lei de diretrizes e bases da educação nacional nº 9.394/96 comentada e interpretada, artigo por artigo**. 4. ed. São Paulo: Avercamp, 2010.

BZUNECK, José Aloyseo. A motivação do aluno: aspectos introdutórios. In: BORUCHOVITCH, Evely (Org.). **A motivação do aluno: Contribuições da psicologia contemporânea**. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

BZUNECK, José Aloyseo. Como motivar os alunos: sugestões práticas. In: BORUCHOVITCH, Evely (Org.). **Motivação para aprender: aplicações no contexto educativo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**; 6. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

COLL, César; MARCHESI, Álvaro; PALÁCIOS, Jesus (Org.). **Desenvolvimento Psicológico e educação**. Tradução de Fátima Murad. 2. ed. Porto Alegre : Artmed, 2004.

COSTA, Elis Regina; BORUCHOVITCH, Evely, Motivação escrita: algumas contribuições para a prática pedagógica. In: BORUCHOVITCH, Evely (Org.). **Motivação para aprender: aplicações no contexto educativo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

GIL-PEREZ, Daniel; CARVALHO, Anna M. Pessoa de. **Formação de professores de ciências**. Tradução de Sandra Valenzuela. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

GUIMARÃES, Sueli Edi Rufini. A motivação intrínseca, extrínseca e o uso de recompensas em sala de aula. In. BORUCHOVITCH, Evely (Org.). **A motivação do aluno: Contribuições da psicologia contemporânea**. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

/ GUIMARÃES, Sueli Edi Rufini. A organização da escola e da sala de aula como determinante da motivação intrínseca e da meta aprender. In. BORUCHOVITCH, Evely (Org.). **A motivação do aluno: Contribuições da psicologia contemporânea**. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

MARTINI, Lopes Mirella; BORUCHOVITCH, Evely. Atribuições de causalidade: a compreensão do sucesso e fracasso escolar por crianças brasileiras. In: BORUCHOVITCH, Evely (Org.). **A motivação do aluno: Contribuições da psicologia contemporânea**. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

Parâmetros Curriculares Nacional: primeira e quarta séries. **Introdução aos parâmetros curriculares nacionais**. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/ SEF, 1997.

PITTINGER, Owen E.; GOODING, Thomas C. **Teorias da aprendizagem educacional**. Tradução de Dirce Pestana Soares. São Paulo: EPU, 1977.

∨ PORTILHO, Evelise. **Como se aprende? Estratégias, estilos e metacognição**. Rio de Janeiro: Wak Ed., 2009.

∨ PORTO, Olívia. **Psicopedagogia institucional: teoria, prática e assessoramento psicopedagógico**. 3. ed. Rio de Janeiro: Wak Ed., 2009.

ROSSINNI, Maria Augusta Sanches. **Aprender tem que ser gostoso...** 5. ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2008.

SACRISTÁN, J. Gimeno; GOMEZ, A. I. Pérez. **Comprender e transformar o ensino**. 4. ed. Porto Alegre: Artmed, 1998.

∨ TARTUCE, Terezinha de Jesus Afonso. **Normas e técnicas para trabalhos acadêmicos**. Unice, 2008.

**APÊNDICE**





**APÊNDICE B – Roteiro da observação das aulas dos professores****ROTEIRO DE OBSERVAÇÃO**

1. Quais os principais recursos utilizados pelo professor como meio de estímulo no processo de ensino-aprendizagem?

---

---

---

2. Quais as reações dos alunos diante das estratégias utilizadas pelo professor no processo de ensino?

---

---

---

3. Quais os resultados da utilização dos recursos de estímulo?



## APÊNDICE C – Questionário

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ – UESPI  
 CAMPUS PROFESSOR ALEXANDRE ALVES DE OLIVEIRA



### Questionário

Estou cursando pedagogia na Universidade Estadual do Piauí – UESPI, e como forma de obter dados para o trabalho de conclusão do curso, contamos com sua colaboração e enfatizamos a importância de sua participação na elaboração de nossa pesquisa. Lembrando que para sua comodidade não será necessário se identificar. Lembramos ainda que este questionário seja destinado aos professores do 1º ao 5º ano do ensino fundamental da Unidade Escolar Deputado Pinheiro Machado, pertencente à rede pública municipal da Zona Urbana do Município de Luis Correia – PI.

#### 1. Aspectos gerais:

a. Qual sua formação?

---

b. Leciona a quanto tempo nesta escola?

---

2. Para você, o que colabora para motivação dos alunos em aprender?

---

3. Cite as principais estratégias que você utiliza para ensinar seus alunos.

---



---

4. Que recursos a escola dispõe como auxiliares no processo de ensino-aprendizagem?

---



---

5. Como é sua participação na busca de alternativas que auxiliam no processo de ensino-aprendizagem?